

O MÉTODO DE RECONSTRUÇÃO INTERNA

(Texto adaptado de Terry CROWLEY, “Chapter Six. Internal Reconstruction”, *Introduction to Historical Linguistics* Oxford: Oxford University Press, 1992 [3ª edição de 1997, reimpressão de 2002: 119-128])

No capítulo anterior, você aprendeu como aplicar o método de reconstrução comparada para recriar uma variedade anterior de uma língua não atestada pela comparação de formas cognatas de várias línguas filhas que descendem da fase reconstruída. No entanto, o método comparativo não é a única técnica de reconstrução que possa ser aplicada para recuperar a história linguística. Existe um segundo método de reconstrução denominado o *método de reconstrução interna*, que possibilita a formação de hipóteses sobre a evolução diacrônica de uma língua. A diferença mais relevante entre os dois métodos é que, no caso de uma reconstrução interna, procede-se na base de evidências encontradas apenas em uma só língua, enquanto com o método comparativo, a reconstrução é baseada nas evidências de várias línguas ou [de mais de um] dialeto. Com o método comparativo, a *protolíngua* é constituída da qual duas ou mais línguas se derivaram, enquanto com o método de reconstrução interna, o resultado é simplesmente uma fase anterior da mesma língua que forneceu os dados. Denomina-se a etapa anterior reconstruída por meio da aplicação do método interno uma *pré-língua*.

6.1. Alternâncias sincrônicas

O linguista holandês van der Tuuk comentou alguma vez que “até um certo ponto, todas as línguas são ruínas”. O que van der Tuuk quis dizer com essa observação é que, [apesar] da operação de mudanças, muitas vezes, algumas formas residuais persistem as quais indiquem o eventual estado original das coisas. Aplicar o método de reconstrução interna assemelha, em certa medida, a prática da arqueologia. Na arqueologia, utilizam-se evidências do presente, ou seja, os restos preservados de tempos anteriores, para reconstruir alguma aspecto do passado. A arqueologia não permite que reconstruamos *tudo* do [estado] passado; apenas [consegue-se reconstituir] aqueles fatos que sejam apontados por quaisquer “ruínas” presentes que tenham sobrevivido desde os tempos passados.

Examinemos a seguir um exemplo de uma mudança linguística que ocorreu numa língua [com o intuito de] notar o tipo de “ruínas” que ela deixou na língua moderna. A língua que exemplificará o método de reconstrução interna (M.R.I) é o samoano. Essa língua contém verbos que exibem formas diferentes para expressar a transitividade e a intransitividade. Essa forma é usada quando não houver nenhum sintagma nominal de objeto direto e os verbos nessas construção exibem a simples raiz verbal, sem nenhum sufixo. No caso dos verbos transitivos, em que há algum sintagma nominal de objeto

direto, existe um sufixo particular que é acrescido à raiz verbal. Em samoano, verbos diferentes pedem sufixos diferentes, como exemplificamos abaixo.

| <u>Intransitivo</u> | | <u>Transitivo</u> | |
|---------------------|------------|-------------------|---------------------|
| <i>inu</i> | “beber” | <i>inu+mia</i> | “beber algo” |
| <i>ηau</i> | “quebrar” | <i>ηau+sai</i> | “quebrar algo” |
| <i>mataʔu</i> | “ter medo” | <i>mataʔu+tia</i> | “temer algo” |
| <i>taʔi</i> | “chorar” | <i>taʔi+sai</i> | “chorar por algo” |
| <i>alofa</i> | “amar” | <i>alofa+ηia</i> | “amar alguém” |
| <i>fua</i> | “pesar” | <i>fua+tia</i> | “pesar algo” |
| <i>ole</i> | “enganar” | <i>ole+ηia</i> | “enganar alguém” |
| <i>silā</i> | “olhar” | <i>silā+fia</i> | “ver/enxergar algo” |

O samoano exhibe diversos sufixos para expressar exatamente a mesma função, que incluem os seguintes: /-mia/, /-sia/, /-tia/, /-ηia/ e /-fia/. Essa variação entre os sufixos que marcam a transitividade é o resultado de uma mudança sonora que ocorreu em algum período do passado, antes do surgimento do samoano moderno.

Por evidência comparativa, sabe-se que as raízes verbais da língua da qual o samoano é uma descendente terminavam originalmente em vogais e em consoantes. Por exemplo, compare as seguintes formas samoanas com as da sua parente distante, o bahasa indonésia:

| <u>bahasa indonésia</u> | <u>samoano</u> | |
|-------------------------|----------------|------------|
| <i>minum</i> | <i>inu</i> | “beber” |
| <i>takut</i> | <i>mataʔu</i> | “ter medo” |
| <i>taʔis</i> | <i>taʔi</i> | “chorar” |

Existem outras evidências que sugerem que os verbos transitivos eram marcados antigamente pelo acréscimo do sufixo especial /-ia/ à raiz do verbo. Subsequentemente, houve uma mudança geral na história do samoano em que [todas] as consoantes finais foram eliminadas. Quando essas consoantes finais foram elididas, elas desapareceram nas formas intransitivas dos verbos, mas elas foram preservadas nas formas transitivas porque, quando o sufixo /-ia/ era colocado, as consoantes deixaram de ficar ao final da palavra e passaram para o meio da mesma.

Uma vez que não havia mais nenhuma consoante em final de palavra alguma, as consoantes que foram mantidas nas formas transitivas dos verbos passaram a ser analisadas como uma parte do sufixo que seguia a raiz, em lugar de elas serem consideradas uma parte da própria raiz verbal. Portanto, o que era originalmente um sufixo com uma única forma invariável desenvolveu uma ampla gama de formas ou *alomorfes*, como resultado da operação de uma única mudança sonora [seguida por um processo de *reanálise*]. Esses alomorfes são condicionados por fatores morfológicos, o que quer dizer que cada verbo tem de ser aprendido com seu sufixo transitivo particular e não há nada na forma

fonológica do verbo que possa servir como indício da forma que o sufixo transitivo exhibirá. Exemplificamos essas mudanças abaixo:

| <i>pré-samoano</i> | | <i>samoano</i> | | |
|---------------------|-------------------|---------------------|-------------------|-------------------|
| <i>intransitivo</i> | <i>transitivo</i> | <i>intransitivo</i> | <i>transitivo</i> | |
| */inum/ | */inum/+/ia/ | /inu/ | / inu/+/mia/ | <i>beber</i> |
| */ŋaus/ | */ŋaus/+/ia/ | /ŋau/ | /ŋau/+/sai/ | <i>quebrar-se</i> |
| */mataʔut/ | */mataʔut/+/ia/ | /mataʔu/ | /mataʔu/+/tia/ | <i>temer</i> |
| */taŋis/ | */taŋis/+/ia/ | /taŋi/ | /taŋi/+/sai/ | <i>chorar</i> |
| */alofaŋ/ | */alofaŋ/+/ia/ | /alofa/ | /alofa/+/ŋia/ | <i>amar</i> |
| */fuat/ | */fuat/+/ia/ | /fuat/ | /fua/+/tia/ | <i>pesar</i> |
| */oleŋ/ | */oleŋ/+/ia/ | /ole/ | /ole/+/ŋia/ | <i>enganar</i> |
| */silaf/ | */silaf/+/ia/ | /sila/ | /sila+/fai/ | <i>ver</i> |

Ao esclarecer esse problema, utilizei os fatos que já sabia sobre a história do samoano a partir de evidências comparadas para auxiliá-lo a entender o que ocorreu na evolução dos sufixos transitivos nessa língua. Porém, teria sido possível realizar a mesma reconstrução se tivéssemos partido dos fatos puramente internos. O que se faz quando se aplica o método interno é procurar casos de *alternância morfológica* (os *alomorfes* dos morfemas) e pressupor que qualquer distribuição atípica ou complexa dentre esses alomorfes seja o resultado de um estado mais simples do que a situação observada na língua moderna.

A distribuição das diferentes formas do sufixo transitivo está complexa, na medida em que cada verbo precisa ser aprendido junto com a forma transitiva que lhe corresponda e não existe nenhuma regra geral que possa facilitar o aprendizado para um falante da língua. É pouco usual que uma língua obrigue o aprendiz a decorar tanto, de modo que se deve imaginar que no pré-samoano, as estruturas eram de certa maneira mais tratáveis e menos exigentes e que esse sistema mais simples e regular deteriorou por alguma(s) mudança(s) sonora(s) ter(em) ocorrido. A falta de previsibilidade nos dados samoanos não remete às vogais, já que essas são regularmente /-ia/. O que precisa de explicação é a presença das diversas consoantes que ocupam o ataque silábico [do sufixo]. Se pressupusermos que as consoantes originalmente teriam feito parte da raiz e, subsequentemente, teria ocorrido um perda de consoantes finais, isso nos permitirá traçar uma imagem simples da morfologia do pré-samoano e ainda por cima envolverá uma mudança sonora bastante frequente: o apócope consonantal.

A seguir, estudemos alguns dados de outra língua, o alemão. A mudança que investigaremos é o desvozeamento das oclusivas em final de palavra que foi tratado no capítulo dois [e nos slides sobre a Mudança Sonora Sintagmática]. Na língua alemã padrão moderna, o plural de certos substantivos é formado pelo acréscimo do sufixo /-ə/, enquanto, no caso de outros nomes, o plural se forma pela

sufixação de /-ə/ e, simultaneamente, a modificação da consoante final desvozeada para seu par sonoro correspondente. Assim, compare os seguintes substantivos alemães no singular e no plural:

| <u>singular</u> | | <u>plural</u> | |
|-----------------|----------------|---------------|-------------------|
| <i>Laut</i> | [laʊt] “som” | <i>Laute</i> | [ˈlaʊtə] “sons” |
| <i>Boot</i> | [bo:t] “barco” | <i>Boote</i> | [ˈbo:tə] “barcos” |
| <i>Tag</i> | [ta:k] “dia” | <i>Tage</i> | [ˈta:gə] “dias” |
| <i>Hund</i> | [hʊnt] “cão” | <i>Hunde</i> | [ˈhʊndə] “cães” |

Nesse exemplo, novamente, você terá percebido que existe alguma complexidade nas alternâncias morfológicas na língua e, portanto, você deveria perguntar-se se essa situação complexa pudesse ser derivada de forma razoável de uma antiga maneira mais simples de formar o plural. O sufixo /-ə/ é comum a todas as palavras, de modo que é lícito pressupor que esse elemento é original. Você deve ter notado, entretanto, que alguns plurais exibem uma consoante oclusiva sonora antes do sufixo, enquanto todas as formas do singular exibem oclusivas finais surdas. Se pressupuser que o radical do plural constitui a forma original da raiz lexical, logo, pode-se afirmar que as formas do singular teriam sofrido uma mudança em que tivesse envolvido o ensurdecimento em final absoluto, conforme a regra seguinte:

C [+vozeado] > C [-vozeado] / __ #

Evidentemente, as consoantes no plural teriam sido “protegidas” [da operação] dessa regra pela presença do sufixo do plural e, por isso, elas não teriam sofrido desvozeamento.

É importante chamar atenção para o fato de que não *todos* os casos de alternância morfológica podem ser reconstruídos como originados numa única forma que “fissionou” como o resultado da ocorrência de alguma mudança sonora. O aspecto importante a manter sempre em mente é que as alternâncias modernas devem ser deriváveis de uma forma original mediante os tipos de mudança sonora razoáveis. Portanto, embora seja possível reconstruir os marcadores /-s/, /-z/ e /-iz/ do plural de substantivos ingleses como derivados de algo mais simples pela semelhança fonética, não seria provável que se reconstruíssem os plurais irregulares tal como os seguintes como derivados da mesma origem (como quer que se quisesse reconstruí-la):

| <u>singular</u> | | <u>plural</u> | |
|-----------------|-------------------|-----------------|-----------------------|
| <i>foot</i> | [fʊt] “pé” | <i>feet</i> | [fi:t] “pés” |
| <i>goose</i> | [gu:s] “ganso” | <i>geese</i> | [gi:s] “gansos” |
| <i>man</i> | [mæn] “homem” | <i>men</i> | [mɛn] “homens” |
| <i>woman</i> | [wʊmən] “mulher” | <i>women</i> | [wi:mɪn] “mulheres” |
| <i>child</i> | [tʃɪld] “criança” | <i>children</i> | [tʃɪldrən] “crianças” |
| <i>louse</i> | [laʊs] “piolho” | <i>lice</i> | [laɪs] “piolhos” |

Formas tão divergentes como essas devem derivar de formas irregulares, até no pré-inglês.

6.2. As limitações da reconstrução interna

O método interno de reconstrução padece de algumas limitações inerentes e é por esse motivo que o M.R.I. não é utilizado com tanta frequência quanto o método comparativo para reconstruir a história linguística. Antes de mais nada, evidentemente, o M.R.I. não recua tanto no tempo quanto o método comparativo. Por esse motivo, é usual aplicar o M.R.I. apenas nas seguintes circunstâncias:

- (a) Às vezes, a língua sob investigação pode ser uma *língua isolada*, ou seja, não é aparentada com nenhuma outra língua (e, portanto, sozinha numa família própria). Em tal caso, não existe a possibilidade de aplicar o método comparativo porque não há nada com que se possa compará-la. A reconstrução interna é, portanto, a única possibilidade disponível.
- (b) Uma situação bastante parecida seria a em que a língua sendo estudada está aparentada de forma tão distante às suas línguas parentes que o método comparativo não consegue esclarecer muito da sua história. Isso é porque existem tão poucas palavras cognatas entre essas línguas aparentadas e a que está sendo investigada que seria muito difícil identificar as correspondências sonoras sistemáticas.
- (c) É possível que se queira descobrir algo sobre mudanças que ocorressem *entre* uma protolíngua reconstruída e suas descendentes. [Em tal caso, o M.R.I. é a técnica a aplicar aos dados.]
- (d) Finalmente, é possível que o objetivo do investigador seja de reconstruir fases ainda mais antigas a partir de alguma protolíngua já reconstruída pelo método de reconstrução comparada. Muitas vezes, a língua mais antiga da qual um grupo de línguas é derivada é, naturalmente, uma língua isolada, no sentido de que, em geral, não é possível demonstrar que nenhuma outra língua descende dela ou seja parente dela. No entanto, não existe nenhum motivo que impeça aplicar o método de reconstrução interna a uma protolíngua, tal como se pode com qualquer língua isolada atestada, se o intuito for recuar ainda mais no tempo.

Com a exceção do M.R.I. ser limitado quanto à distância que pode levar-nos para o passado, existem algumas outras limitações que são inerentes ao método. Como foi demonstrado na seção anterior, este método pode ser aplicado apenas numa situação em que uma mudança sonora tenha provocado alguma alternância morfológica na língua afetada. As variações morfológicas que surgem como o resultado de mudanças sonoras sempre envolvem mudanças condicionadas. Se uma mudança

não condicionada ocorrer numa língua, não sobrar nenhum resíduo sincrônico da situação original na forma de alternâncias morfológicas, de modo que o método de reconstrução interna será totalmente incapacitada de produzir qualquer tipo de resultado nessas circunstâncias.

Outra situação a qual o M.R.I. pode ser inaplicável – ou, pior ainda, em que esse método poderia conduzir a reconstruções falsas – é quando as mudanças intermediárias são afetadas por ainda outras mudanças posteriores, de modo que nenhum vestígio das mudanças anteriores permanece na língua moderna. Por exemplo, no francês moderno, existem alternâncias morfológicas do seguinte tipo:

| <u>Substantivo</u> | | | <u>verbo</u> | |
|--------------------|------|--------|--------------|---------------------|
| <i>nom</i> | [nõ] | “nome” | <i>nomer</i> | [no'me] “nomear” |
| <i>fin</i> | [fẽ] | “fim” | <i>finir</i> | [fi'nir] “terminar” |
| <i>un</i> | [õ] | “um” | <i>une</i> | [yn] “uma” |

Baseando-se nessas alternâncias, seria justificável reconstruir as formas do pré-francês para as palavras à esquerda com as seguintes formas originais:

- *[nom]
- *[fin]
- *[yn]

Para explicar as formas nominais atestadas no francês moderno, seria preciso reconstruir várias mudanças sonoras. (Embora uma quantidade grande de exemplos não tenha sido apresentada acima, pode-se pressupor que essas mudanças explicariam uma quantidade significativa de formas na língua nas quais o mesmo tipo de alternância [com e sem nasalização] ocorre.) A primeira mudança teria sido que as vogais que precediam consoantes nasais em final de palavra sofreram uma nasalização assimilatória. A seguir, ocorreria uma mudança em que as consoantes nasais finais foram elididas (apócope). Por último, seria necessário reconstruir uma regra que rebaixou vogais nasais de altas para médias. Portanto, a sequência de mudanças ocorrida no francês seria reconstruída da seguinte maneira:

| | | | |
|-----------------------------|--------|--------|-------|
| <u>Pré-francês:</u> | *[nom] | *[fin] | *[yn] |
| Nasalização de vogais | *[nõm] | *[fĩn] | *[ỹn] |
| Apócope de nasais | *[nõ] | *[fĩ] | *[ỹ] |
| Abaixamento de vogais altas | [nõ] | [fẽ] | [õ] |

Embora todas essas mudanças pareçam perfeitamente plausíveis, a evidência textual [de que dispomos sobre] a evolução do francês não as corrobora. Os registros escritos indicam que as mudanças que ocorreram de verdade se produziram de uma maneira mais complexa do que no

esquema apresentado acima. Primeiro, a regra de nasalização vocálica não se aplicou da maneira que acaba de ser proposta. Na realidade, o que ocorreu foi que, antes de tudo, a seguinte mudança se produziu:

$$/m/ > [n] / _ \#$$

Foi apenas depois dessa mudança que a nasalização vocálica ocorreu. Entretanto, as vogais não foram nasalizadas apenas em posição final de palavra, porque vogais diante [n] não final também foram nasalizadas. Por ainda outra série de mudanças posteriores, as vogais nasais no meio das palavras perderam a nasalidade, enquanto [n] em final de palavra foi eliminado, gerando as formas atuais. Conseqüentemente, fica evidente que existem bastantes detalhes em que o método de reconstrução interna se revelou pouco preciso neste caso. Não foi possível reconstruir a mudança de [m] final para [n] e tampouco pôde identificar os detalhes da nasalização vocálica.

Além do tipo de problema [com o M.R.I. indicado acima], existem outras dificuldades envolvidas na interpretação dos resultados da reconstrução interna. Por este método, podemos ser induzidos a reconstruir uma fase anterior do samoano (a que me referi acima como o pré-samoano) em que há consoantes finais nos verbos. Contudo o M.R.I. não fornece nenhuma indicação de quão anterior que o samoano moderno era que os verbos exibiam tais consoantes finais. Com frequência, pressupõe-se que uma pré-língua reconstruída a que se chegue dessa maneira represente uma variedade da língua falada em algum período entre o presente e o momento em que a língua se separou de sua antecessora mais próxima. Seria completamente incorreto, entretanto, equiparar o pré-samoano com alguma fase da língua situada entre o samoano moderno e o momento em que essa variedade se separou das suas parentes polinésias mais próximas, porque essas outras línguas polinésias também exibem variações parecidas [com as depreendidas no samoano quanto à presença de consoantes finais ancestrais]. O que acabamos reconstruindo no exercício acima envolvia uma mistura de consoantes no final dos radicais lexicais as quais pertenciam a uma protolíngua que existia num período consideravelmente mais antigo do que o protopolinésio. Embora não disponhamos de evidência escrita neste caso para comprovar que a nossa reconstrução inicial foi errada, somos afortunados por termos dados comparativos sobre línguas aparentadas [ou seja, podemos aplicar o M.R.C. às línguas polinésias e este recurso complementar as descobertas do M.R.I., deixando-nos corrigir a datação da presença das consoantes finais]. Se investigássemos uma verdadeira língua isolada [para a qual a opção de recorrer ao M.R.C. não está disponível], não seríamos tão afortunados e a nossa reconstrução [, produzida necessariamente apenas mediante a aplicação do M.R.I.] seria, portanto, o tanto menos confiável.

Guia de leitura para reflexão

1. O método comparativo e o método de reconstrução interna parecem ser bastante diferentes. Você consegue identificar algumas semelhanças entre desses dois métodos de reconstrução?
2. Sob quais condições se poderia optar para aplicar a reconstrução interna em vez do método de reconstrução comparada?
3. Explique o significado do termo *língua isolada*.
4. Que tipo de dados são selecionados como a base para aplicar o método de reconstrução interna?
5. Sob quais pressupostos teóricos se opera quando se aplica o método de reconstrução interna?
6. É possível reconstruir qualquer caso de alternância morfológica como o resultado da ocorrência de mudanças sonoras?
7. Quais são alguns dos problemas que decorrem do uso do método de reconstrução interna?

Leituras adicionais seletas

Robert JEFFERS & Ilse LEHISTE. *Principles and Methods for Historical Linguistics*, Chapter 3 ‘Internal Reconstruction’, pp. 37-53.

Raimo ANTTILA. *An Introduction to Historical and Comparative Linguistics*, Chapter 12 ‘Internal Reconstruction’, pp. 264-73.

Winfred LEHMANN. *Historical Linguistics: an Introduction*, Chapter 6 ‘The Method of Internal Reconstruction’, pp. 99-106.

Hans Heinrich HOCK. *Principles of Historical Linguistics*, Chapter 17 ‘Internal Reconstruction’, pp. 532-55.

Exercícios

1. Estude as seguintes palavras do paamês meridional que é falado em Vanuatu e utilize o método de reconstrução interna para recriar as formas das raízes originais das palavras abaixo e descreva as mudanças que ocorreram.

| | | | | | |
|--------------|-----------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| <i>aim</i> | “casa” | <i>aimok</i> | “esta casa” | <i>aimos</i> | “só a casa” |
| <i>ahat</i> | “pedra” | <i>ahatuk</i> | “esta pedra” | <i>ahatus</i> | “só a pedra” |
| <i>ahin</i> | “mulher” | <i>ahinek</i> | “esta mulher” | <i>ahines</i> | “só a mulher” |
| <i>atin</i> | “repolho” | <i>atinuk</i> | “este repolho” | <i>atinus</i> | “só o repolho” |
| <i>atas</i> | “mar” | <i>atasik</i> | “este mar” | <i>ataxis</i> | “só o mar” |
| <i>metas</i> | “lança” | <i>metasok</i> | “esta lança” | <i>metasos</i> | “só a lança” |
| <i>ahis</i> | “banana” | <i>ahisik</i> | “esta banana” | <i>ahisis</i> | “só a banana” |
| <i>ahis</i> | “rifle” | <i>ahisuk</i> | “este rifle” | <i>ahisus</i> | “só o rifle” |

2. Estude os dados abaixo da língua bislama que é falada em Vanuatu em que as raízes e os verbos transitivos derivados das mesmas são apresentados. Descreva a forma original que o sufixo transitivo teria exibido e os tipos de mudança que teria ocorrido.

| <u>Raiz</u> | | <u>Verbo transitivo</u> | |
|--------------|-----------------|-------------------------|-----------------------|
| <i>rit</i> | “ler” | <i>ritim</i> | “ler algo” |
| <i>bon</i> | “queimado” | <i>bonem</i> | “queimar” |
| <i>smok</i> | “fumaça” | <i>smokem</i> | “fumar” |
| <i>skras</i> | “coçar” | <i>skrasem</i> | “coçar algo” |
| <i>slak</i> | “frouxo” | <i>slakem</i> | “frouxar” |
| <i>stil</i> | “roubar” | <i>stilim</i> | “roubar algo” |
| <i>rus</i> | “churrasco” | <i>rusum</i> | “churrasquear” |
| <i>tait</i> | “apertado” | <i>taitem</i> | “apertar” |
| <i>boil</i> | “ferver-se” | <i>boilem</i> | “ferver” |
| <i>draun</i> | “afundar-se” | <i>draunem</i> | “submergir” |
| <i>ciki</i> | “desrespeitoso” | <i>cikim</i> | “ser desrespeitoso” |
| <i>pe</i> | “pagamento” | <i>pem</i> | “pagar” |
| <i>rere</i> | “pronto” | <i>rerem</i> | “preparar” |
| <i>melek</i> | “leite” | <i>melekem</i> | “exprimir líquido de” |
| <i>level</i> | “nivelado” | <i>levelem</i> | “nivelar” |

3. Estude os numerais seguintes da língua huli, falada na região das Terras Altas Meridionais do Papua Nova Guiné. Os números são apresentados em sua forma cardinal, usada para contar, como também as formas ordenais, ou seja, primeiro, segundo, terceiro, etc. Reconstrua o sufixo ordinal original e descreva as mudanças que ocorreram.

| <u>cardinal</u> | | <u>ordinal</u> | |
|-----------------|----------|-----------------|------------|
| <i>tebo</i> | “três” | <i>tebone</i> | “terceiro” |
| <i>ma</i> | “quatro” | <i>mane</i> | “quatro” |
| <i>dau</i> | “cinco” | <i>dauni</i> | “quinto” |
| <i>waraga</i> | “seis” | <i>waragane</i> | “sexto” |
| <i>ka</i> | “sete” | <i>kane</i> | “sétimo” |
| <i>hali</i> | “oito” | <i>halini</i> | “oitavo” |
| <i>di</i> | “nove” | <i>dini</i> | “nono” |
| <i>pi</i> | “dez” | <i>pini</i> | “décimo” |
| <i>hombe</i> | “onze” | <i>hombene</i> | “undécimo” |

4. Estude as formas seguintes, da língua huli. Reconstrua as raízes verbais originais e os sufixos pronominais originais e descreva as mudanças ocorridas.

| | | | |
|-----------------|----------------------------|-----------------|-------------------------|
| <i>ebero</i> | “estou vindo” | <i>laro</i> | “eu estou falando” |
| <i>ebere</i> | “você está vindo” | <i>lare</i> | “você está falando” |
| <i>ibira</i> | “ele/ela está vindo” | <i>lara</i> | “ele/ela está falando” |
| <i>ibiru</i> | “eu vim” | <i>laru</i> | “eu falei” |
| <i>ibiri</i> | “você veio” | <i>lari</i> | “você falou” |
| <i>ibija</i> | “ele/ela veio” | <i>laja</i> | “ele/ela falou” |
| <i>ibidaba</i> | “que todos venham!” | <i>ladaba</i> | “que todos falem!” |
| | | | |
| <i>wero</i> | “eu estou colocando” | <i>homaro</i> | “eu estou morrendo” |
| <i>were</i> | “você está colocando” | <i>homare</i> | “você está morrendo” |
| <i>wira</i> | “ele/ela está colocando” | <i>homara</i> | “ele/ela está morrendo” |
| <i>wiru</i> | “eu coloquei” | <i>homaru</i> | “eu morri” |
| <i>wija</i> | “ele/ela colocou” | <i>homari</i> | “você morreu” |
| <i>widaba</i> | “que todos coloquem!” | <i>homaja</i> | “ele/ela morreu” |
| | | <i>homadaba</i> | “que todos morram!” |
| | | | |
| <i>biraro</i> | “eu estou me sentando” | | |
| <i>birare</i> | “você está se sentando” | | |
| <i>birara</i> | “ele/ela está se sentando” | | |
| <i>biraru</i> | “eu me sentei” | | |
| <i>birari</i> | “você se sentou” | | |
| <i>biraja</i> | “ele/ela se sentou” | | |
| <i>biradaba</i> | “que todos se sentem!” | | |

5. Utilize o método de reconstrução interna para propor quais teriam sido a forma das raízes originais e como teriam sido a dos prefixos ativos e passivos à base dos dados seguintes da língua bahasa indonésia.

| <u>ativo</u> | <u>passivo</u> | |
|--------------------|-------------------|-------------------------|
| <i>məmbuka</i> | <i>dibuka</i> | “abrir” |
| <i>məndapat</i> | <i>didapat</i> | “conseguir”, “adquirir” |
| <i>mənyəlaskan</i> | <i>diyəlaskan</i> | “explicar” |
| <i>məngosok</i> | <i>digosok</i> | “friccionar” |
| <i>məmərlukan</i> | <i>dipərlukan</i> | “precisar” |
| <i>mənanam</i> | <i>ditanam</i> | “plantar” |
| <i>məpərahkan</i> | <i>disərahkan</i> | “render-se” |
| <i>məjaraj</i> | <i>dikaraj</i> | “compor” |
| <i>məjurus</i> | <i>diurus</i> | “organizar”, “arranjar” |
| <i>məjeja</i> | <i>dieja</i> | “soletrar” |
| <i>məjambil</i> | <i>diambil</i> | “tomar” |
| <i>məjikat</i> | <i>diikat</i> | “amarrar” |
| <i>məjərikan</i> | <i>diyərikan</i> | “assustar” |
| <i>məhapuskan</i> | <i>dihapuskan</i> | “esfregar” |